

Nedson Moreira Batista

DEUS:

COMO EU TE OBSERVO

VOLUME IV

ENSINA-ME A PERCEBER

*Gemidos, presença, contemplação e a delicadeza
de continuar humano*

Monte Mor - São Paulo - Brasil · 2026

DEUS: COMO EU TE OBSERVO

VOLUME IV

ENSINA-ME A PERCEBER

Gemidos, presença, contemplação e a delicadeza de continuar humano

Nedson Moreira Batista

Monte Mor - São Paulo - Brasil · 2026

DEUS: COMO EU TE OBSERVO

VOLUME IV - ENSINA-ME A PERCEBER

Nedson Moreira Batista

Este quarto volume nasce de orações pronunciadas enquanto a experiência ainda não cabia completamente em palavras. A primeira voz preserva o gemido, a repetição, a imaginação, o corpo que reage e o pedido que tenta alcançar Deus sem transformar desejo em revelação. A segunda voz retorna depois, organiza a experiência e distingue percepção, metáfora, fé e afirmação objetiva. A terceira voz utiliza a Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica (TCI) apenas onde a formalização acrescenta clareza, preservando o limite entre aquilo que a razão descreve e aquilo que a fé confessa.

Copyright © 2026 Nedson Moreira Batista. Todos os direitos reservados.

“Eu quero ser percebido por Ti sem perder a capacidade de perceber a vida.”

— Nedson Moreira Batista

As três vozes no Volume IV

A VOZ I - PENSAMENTO

é a região em que a oração ainda está acontecendo. Nela eu não organizo tudo antes de falar. Eu repito, choro, reclamo, imagino, agradeço, faço perguntas que talvez precisem ser revistas depois e digo a Deus aquilo que consigo dizer naquele instante. Quando nem isso é possível, o silêncio, o gemido e a lágrima também permanecem como parte da experiência.

A VOZ II - O AUTOR

chega depois. Eu volto à oração e observo o homem que orou. Procuro distinguir percepção de totalidade, indignação de generalização, fé de causalidade demonstrada e desejo de promessa. Não quero domesticar a oração; quero conversar com ela. A Escritura entra como tradição que me formou, e a reflexão entra para ampliar o sentido sem ocupar o lugar do encontro.

A VOZ III - A TCI

permanece no plano da representação. Ela examina linguagem, atenção, mediação, espaço observacional, trajetória, Ignorância Residual e perturbação. Quando a oração fala de Deus, a teoria não transforma confissão em resultado experimental. Sua tarefa é mais limitada: lembrar que o modelo do observador não é a realidade inteira e que o que não cabe em sua representação não deve ser preenchido por certeza inventada.

Prefácio - Quando a pergunta também perde as palavras

Há momentos em que eu ainda quero respostas. Isso não mudou. Ainda existem dias em que eu gostaria de abrir a janela da realidade e enxergar, de uma vez, o que está acontecendo, o que virá depois, por que algumas coisas doem tanto e por que certas respostas parecem demorar além do que meu coração considera suportável. Mas este volume nasceu de uma percepção diferente: às vezes o problema não é apenas não possuir a resposta. Às vezes eu nem consigo transformar em linguagem tudo aquilo que estou vivendo.

Foi assim que a oração começou a mudar de lugar. Eu me ouvi dizendo que havia momentos em que o único som possível era o gemido. Depois me ouvi pedindo para tocar em Jesus como a mulher que, no meio da multidão, tocou sua roupa e foi percebida. Em seguida, percebi que eu também estava olhando para fora: para um mundo que me parece cada vez mais apressado, competitivo, recortado, pronto para transformar pessoas em adversários. E então surgiu outro medo: o de pedir tanto para ser percebido por Deus e, ao mesmo tempo, perder a capacidade de perceber quem está ao meu lado.

Talvez por isso eu tenha imaginado uma montanha. Um pôr do sol. Eu e Deus sentados lado a lado, como se eu pudesse tirar a presença de dentro de mim e colocá-la do lado de fora apenas para conversar olhando na direção do mesmo horizonte. A imagem é impossível como descrição literal da relação com Deus, mas é verdadeira como desejo. Eu queria um lugar em que não precisasse performar, explicar depressa, responder a ninguém, competir com ninguém. Queria conversar.

A TCI entra neste volume exatamente onde deve entrar. Um observador finito transforma experiência em modelos finitos. Nem tudo o que sente vira palavra; nem tudo o que está diante de seus sentidos recebe atenção; nem tudo o que aparece repetidamente numa tela representa proporcionalmente a realidade; nem toda pessoa que atravessa um conflito cabe no rótulo que o conflito lhe atribuiu. A teoria pode ajudar a perceber essas compressões. Ela não prova que Deus ouve um gemido ou que o Espírito intercede. Isso pertence à minha fé.

Este livro, portanto, não é uma tentativa de tornar Deus observável como um objeto completo. É quase o contrário. É o registro de um homem que reconhece a insuficiência do próprio modelo e ainda assim deseja presença; que quer ser ouvido sem aprender a gritar mais alto que todos; que quer ser visto sem transformar o outro em invisível; que quer continuar estudando sem deixar de ouvir o pássaro, trabalhando sem esquecer a tarde, defendendo-se sem fazer da destruição alheia uma forma de existência.

Se houver uma pergunta que atravessa estas páginas, talvez seja esta: Deus, enquanto eu Te peço que percebas meu gemido, ensina-me a perceber. Ensina-me a ver o que ainda existe de humano, de belo, de frágil e de digno quando o mundo inteiro parece me convidar a olhar apenas para a disputa.

Sumário

PARTE I - QUANDO AS PALAVRAS NÃO CHEGAM

- Capítulo 1 - Quando só resta o gemido
- Capítulo 2 - O que eu preciso dizer para Te convencer?
- Capítulo 3 - Eu quero tocar em Ti
- Capítulo 4 - Uma oração entre bilhões

PARTE II - QUANDO OS OLHOS SE ACOSTUMAM AO FRIO

- Capítulo 5 - Não deixa meu amor esfriar
- Capítulo 6 - Quando o semelhante vira oponente
- Capítulo 7 - A tecnologia que me formata
- Capítulo 8 - Gentileza não é ingenuidade

PARTE III - QUANDO EU QUERIA TE SENTAR AO MEU LADO

- Capítulo 9 - A montanha que eu queria subir
- Capítulo 10 - Falar contigo de fora
- Capítulo 11 - A flor entre as rachaduras
- Capítulo 12 - O valor das coisas que não custam

PARTE IV - ALÉM DE MIM, ALÉM DE TEMPLO

- Capítulo 13 - Cada célula clama
- Capítulo 14 - Não retire de mim esta imaginação
- Capítulo 15 - Além de mim, além de templo

Epílogo - Ensina-me a perceber

Caderno conceitual - TCI neste volume

Referências

Sobre o autor

PARTE I

QUANDO AS PALAVRAS NÃO CHEGAM

O gemido, a repetição, o desejo de tocar e a pergunta sobre como uma oração singular existe em meio à multidão.

CAPÍTULO 1

Quando só resta o gemido

VOZ I · PENSAMENTO

Senhor meu Deus, Pai, há momentos em que não é possível entender. Eu sei que o Senhor tem o melhor para nós; eu digo isso, repito isso, tento descansar nisso. Mas a espera machuca porque, enquanto esperamos, na maior parte das vezes não entendemos. Eu queria falar com a propriedade do salmista e dizer sem tremer que quem habita no esconderijo do Altíssimo descansa à sombra do Onipotente. Eu queria que a palavra descanso fosse tão simples quanto parece quando está escrita. Só que é difícil descansar no meio da guerra. É difícil deitar a alma quando por dentro ainda existem passos correndo de um lado para o outro.

Há dias em que eu procuro uma frase e não encontro. Eu queria uma oração bonita, organizada, com começo, meio e fim. Queria explicar o que sinto como quem apresenta um relatório claro: aqui está a dor, aqui está a causa, aqui está o pedido. Mas existem momentos em que a garganta fecha, o pensamento fica cheio demais e o único som que sai é o gemido. A lágrima escorre e eu nem sei se estou pedindo, agradecendo, reclamando ou apenas permanecendo diante de Ti.

Então eu me lembro de Romanos. A tua palavra fala do Espírito que ajuda na fraqueza e intercede quando nem sabemos orar como convém. Pai, eu espero que o Espírito Santo entenda aquilo que eu não consigo traduzir. Que Ele receba o som quebrado, a respiração interrompida, a lágrima que chegou antes da frase. Eu não quero acreditar que uma oração só vale quando eu consigo organizá-la. Há dias em que eu não consigo.

Não retires de mim a tua graça nesses dias. Não permitas que eu confunda a pobreza da minha linguagem com distância do teu amor. Eu posso não saber explicar o que estou vivendo, mas continuo aqui. Se eu não conseguir dizer nada além de “Senhor, ajuda-me”, recebe. E se nem isso sair, recebe o silêncio de quem ainda veio até Ti.

E, Pai, se eu continuar sendo um homem que chora muito, recebe também isso com um pouco de carinho. Eu ainda vou perguntar, provavelmente vou reclamar, vou voltar, vou repetir. Talvez essa repetição seja uma das formas pelas quais minha alma insiste em não abandonar a relação. Eu não quero transformar sensibilidade em vergonha. Quero apenas aprender a carregá-la sem deixar que ela me impeça de viver.

VOZ II · O AUTOR

A primeira oração deste volume começa onde a linguagem falha. Isso me chama atenção porque passei muitos anos tentando resolver sofrimento por compreensão. Eu procurava a causa, a sequência, o motivo, o erro de decisão, a variável que faltava. Essa disposição me formou profissionalmente e

intelectualmente. Ainda assim, existem experiências nas quais entender e dizer são problemas diferentes. Posso perceber que algo dói e não conseguir representar com precisão por que dói daquela maneira.

Romanos 8 é importante para mim porque não idealiza a oração humana. O texto não parte de um sujeito sempre articulado, espiritualmente eloquente e emocionalmente organizado. Ele admite fraqueza. Admite que não sabemos orar como convém. Na minha fé, isso muda a relação com a própria insuficiência: não preciso transformar confusão em desempenho religioso para poder me apresentar diante de Deus.

Também preciso evitar uma interpretação que eu mesmo poderia fabricar: não tenho como afirmar que todo silêncio emocional é necessariamente uma manifestação espiritual específica. Há cansaço, corpo, memória, medo, contexto. O que a oração confessa é mais simples: quando minha linguagem termina, eu continuo acreditando que a relação com Deus não depende da perfeição da minha formulação.

Talvez o gemido seja importante justamente porque ele me devolve ao limite. Eu não sou uma máquina que converte toda experiência em texto. Há regiões de mim que chegam primeiro como sensação, choro, aperto, imagem. Depois, às vezes, a linguagem alcança. Outras vezes, não alcança completamente. Isso não torna a experiência menos real.

Há uma última coisa que reconheço: o Volume IV não termina num observador menos sensível. Termina, se alguma coisa mudou, num observador que tenta dar direção à sensibilidade. Não quero sentir menos para sofrer menos a qualquer custo. Quero aprender a distinguir melhor, agir melhor e permitir que a beleza tenha espaço causal na minha trajetória ao lado daquilo que me feriu.

VOZ III · A TCI

A TCI distingue realidade e representação. Neste capítulo, a experiência vivida pode exceder a capacidade linguística disponível ao observador em determinado instante. O modelo verbal não é a totalidade do estado vivido.

Uma formulação exploratória pode representar essa assimetria: $M_{\text{linguístico}}(t) = \Phi(\text{experiência, linguagem, memória, estado, contexto})$. Se a representação é finita, propriedades relevantes da experiência permanecem fora dela.

Isso não transforma o gemido em dado completo nem prova que outra consciência compreende seu significado. A afirmação de que o Espírito intercede pertence à fé do autor. A TCI apenas impede a conclusão indevida de que aquilo que não foi verbalizado não existiu.

$$M_{\text{linguístico}}(t) = \Phi(E(t), L, \text{memória}, \text{contexto})$$

$$M_{\text{linguístico}}(t) \neq E(t)$$

CAPÍTULO 2

O que eu preciso dizer para Te convencer?**VOZ I · PENSAMENTO**

Pai, quantas vezes eu já falei contigo? Quantas vezes eu voltei ao mesmo pedido? Às vezes eu me pego perguntando: qual é a melhor forma de Te buscar? O que eu preciso dizer para Te convencer do que eu quero, do que eu preciso? Eu sei que a pergunta pode soar estranha, porque eu mesmo digo que o Senhor conhece o coração. Mas quando a espera se alonga, uma parte de mim começa a procurar a frase certa, como se a resposta estivesse escondida atrás de uma combinação perfeita de palavras.

Eu tento falar com fé. Tento falar com humildade. Tento agradecer antes. Tento lembrar promessas. Tento pedir sem reclamar. Depois reclamo. Depois peço desculpas por ter reclamado. Depois volto a pedir. E tudo o que encontro, muitas vezes, é esse sentimento: espera mais um pouco, confia mais um pouco, busca mais um pouco.

Senhor, eu não quero transformar oração em técnica de persuasão. Não quero pensar que Teu coração é uma porta com senha, e que se eu descobrir a palavra correta o resultado finalmente será liberado. Mas também não quero mentir: às vezes é assim que me sinto. Eu queria tocar alguma coisa em Ti. Queria saber que a minha voz chegou.

Então me ensina a pedir sem negociar amor. Ensina-me a insistir sem imaginar que a repetição compra a resposta. E, principalmente, não permita que eu interprete a demora como prova de que fui ignorado. Eu continuo trazendo o que desejo porque isso importa para mim. Eu continuo vindo porque o Senhor importa para mim.

VOZ II · O AUTOR

A frase “o que eu preciso dizer para Te convencer?” expõe uma tendência humana que aparece também fora da religião: diante de sistemas que não controlamos, procuramos regras ocultas. Se a resposta não veio, talvez tenha faltado alguma coisa; se eu descobrir essa coisa, o sistema finalmente obedecerá. Essa estrutura pode gerar superstição, culpa e manipulação.

Na oração cristã, há uma tensão conhecida entre pedir com perseverança e reconhecer que Deus não é objeto de controle. As parábolas de insistência não precisam ser lidas como descrição de um Deus relutante que só age depois de ser pressionado; elas também podem formar o orante em persistência. Eu, porém, não quero resolver aqui toda a teologia da oração. Quero observar o que acontece comigo quando a espera é longa.

Percebo que, nesses momentos, eu tento transformar incerteza em procedimento: se eu orar melhor, sofrer menos, acreditar mais, dizer a frase correta, talvez consiga reduzir a região de X. É compreensível, mas perigoso. O fato de eu desejar uma resposta não me dá acesso ao mecanismo total pelo qual acontecimentos, decisões humanas, tempo, acaso, responsabilidade e fé se relacionam.

Por isso volto a uma disciplina que os volumes anteriores já me ensinaram: continuar pedindo sem fabricar causalidade. Minha oração pode ser intensa sem se transformar em instrumento de domínio. Eu

posso dizer “eu quero” sem dizer “logo acontecerá exatamente assim”. Posso insistir e ainda reconhecer que não possuo o mapa completo.

VOZ III · A TCI

A TCI descreve decisões e interpretações sob Ignorância Residual. Quando um resultado esperado não ocorre, o observador tende a procurar uma variável explicativa. Isso é racional até certo ponto; torna-se problema quando uma hipótese é promovida silenciosamente a causa demonstrada.

Neste capítulo, a pergunta “qual palavra faltou?” pode ser entendida como tentativa de preencher X com uma regra de controle. A teoria não decide a teologia da oração. Apenas preserva a diferença entre correlação percebida, hipótese causal e conhecimento.

Persistir na oração pode modificar o observador, mesmo quando o resultado externo permanece aberto. Isso permite separar transformação interna de mecanismo causal sobre o mundo.

X ≠ “a palavra secreta que faltou”

oração repetida pode alterar O sem demonstrar controle sobre R

CAPÍTULO 3

Eu quero tocar em Ti

VOZ I · PENSAMENTO

Pai, eu quero tocar em Ti como aquela mulher do fluxo de sangue. Eu imagino a multidão apertando, gente por todos os lados, passos, vozes, poeira, expectativa. E no meio de todos existe uma pessoa que carrega uma dor antiga e pensa: se eu apenas tocar, talvez alguma coisa mude. Eu quero tocar assim, Senhor. Quero sentir que o Senhor me notou, que eu fui ouvido.

Eu sei que não posso tocar Teu coração com as mãos. Ainda assim, minha oração procura uma proximidade. Eu quero que o meu pedido não seja apenas mais um som perdido. Quero que ele alcance a região em que, na minha fé, existe o Teu cuidado. Quero tocar os Teus sentimentos - e, quando digo isso, não estou fingindo que compreendo como Deus sente. Estou tentando dizer que eu desejo ser percebido pessoalmente.

Eu fecho os olhos da alma e tento Te encontrar na imensidão do pensamento, na memória das coisas que já vivi, nas palavras das Escrituras, numa canção, num silêncio. Minha alma implora por refrigério. Eu preciso da Tua ajuda. E eu sei que muitas vezes eu só peço, choro, reclamo, volto, reclamo de novo, peço de novo. As necessidades da minha alma parecem grandes demais para caber numa oração curta.

Se eu pudesse tocar como aquela mulher, Pai, talvez eu não precisasse dizer tudo. Talvez o toque fosse a frase. Talvez a proximidade dissesse aquilo que eu não consigo explicar. Então recebe esse desejo de estar perto. Eu não quero apenas uma solução lançada de longe. Eu quero Te encontrar dentro daquilo que eu ainda não consigo resolver.

VOZ II · O AUTOR

A narrativa da mulher com fluxo de sangue, em Marcos 5, sempre me impressiona porque trabalha com multidão e singularidade ao mesmo tempo. Muitas pessoas estão próximas de Jesus; ainda assim, o texto destaca um encontro particular. Isso oferece à oração uma imagem poderosa: ser um entre muitos não significa, na fé, ser indistinguível.

Preciso ter cuidado, entretanto, com a linguagem “tocar os sentimentos de Deus”. Eu não conheço a experiência interna de Deus como conheço a minha. Essa é uma metáfora relacional nascida da tradição bíblica e da linguagem humana. Não é acesso psicológico ao divino. Mas a metáfora diz algo verdadeiro sobre mim: eu não quero apenas acreditar que uma informação foi registrada; eu desejo relação.

Há também um contraste com minha formação intelectual. Eu posso construir modelos, ler textos, examinar hipóteses e ainda assim desejar uma presença que não se reduz a explicação. Isso não me obriga a desprezar a razão. Apenas reconhece que a vida humana contém perguntas diferentes: “como funciona?” não é idêntica a “com quem permanece quando dói?”.

Talvez esse seja o toque que procuro: não evidência sensorial de que todas as minhas interpretações estão corretas, mas uma experiência de relação que me permita continuar sem transformar cada silêncio em abandono.

VOZ III · A TCI

Na TCI, o observador humano trabalha com acesso parcial. A narrativa bíblica da mulher não é objeto que a teoria possa validar como mecanismo religioso. A TCI pode, porém, analisar a diferença entre escala coletiva e experiência singular.

Uma multidão é uma compressão. “Bilhões de pessoas” é uma categoria útil para pensar escala, mas não preserva a trajetória específica de cada indivíduo. O fato de meu modelo agrupar muitos sujeitos não implica que a realidade de cada sujeito desapareça.

A fé do autor afirma que Deus percebe o indivíduo. A teoria apenas mostra que a dificuldade humana de representar bilhões de trajetórias simultaneamente não deve ser transformada automaticamente em medida da capacidade divina.

minha incapacidade de representar N sujeitos $\neq$ limite demonstrado de Deus
categoria “multidão” $\neq$ soma integral das trajetórias individuais

CAPÍTULO 4**Uma oração entre bilhões****VOZ I · PENSAMENTO**

Senhor, há bilhões de pessoas. Há séculos de pedidos, línguas diferentes, lágrimas diferentes, guerras, nascimentos, hospitais, quartos vazios, mesas cheias, pessoas pedindo chuva e outras pedindo que a chuva pare. Quando eu penso nisso, minha mente se perde. Como pode a minha oração não desaparecer no meio de tudo?

Eu sei que essa pergunta nasce da minha própria limitação. Se dez pessoas falam comigo ao mesmo tempo, eu já não consigo ouvir todas. Se muitas mensagens chegam juntas, eu preciso escolher qual abrir primeiro. Minha atenção cansa. Meu corpo cansa. Minha memória falha. E sem perceber eu imagino o Senhor a partir de mim, como se a grandeza divina fosse apenas uma versão aumentada da minha capacidade.

Mas eu não quero reduzir o Senhor ao tamanho do meu modelo. Eu só quero dizer: no meio de tudo, lembra de mim. Não porque eu seja mais importante do que os outros. Não quero que outra oração seja silenciada para que a minha seja ouvida. Quero apenas acreditar que a abundância de vidas não transforma ninguém em ruído.

Se o Senhor conhece cada história, conhece também a minha. Conhece aquilo que eu ainda não consegui contar direito. Conhece o que eu peço e também aquilo que eu talvez precise aprender a pedir diferente. Então recebe a minha oração sem que eu precise competir. Eu não quero gritar mais alto do que a humanidade. Quero apenas falar contigo.

VOZ II · O AUTOR

Essa oração me obriga a examinar uma analogia comum: imaginar Deus como um observador humano ampliado. A mente humana tende a compreender o desconhecido usando estruturas conhecidas. Se minha atenção é limitada, eu imagino uma atenção divina apenas maior. Se minha memória é falha, imagino uma memória divina apenas mais eficiente. Mas a teologia cristã clássica não descreve Deus simplesmente como humano em escala superior.

A TCI também me ensina a desconfiar da extrapolação. Um modelo construído a partir de propriedades do observador humano não pode ser projetado automaticamente sobre uma realidade que a própria fé afirma excedê-lo. Isso não prova atributos divinos; apenas revela o limite da analogia.

Há ainda uma dimensão ética: eu não quero ser ouvido à custa do silêncio de outro. Minha oração não precisa transformar a relação com Deus em competição por atenção. Essa percepção é importante porque corrige a mesma lógica que critico no mundo: se a única maneira de existir for ocupar espaço expulsando alguém, até a oração poderia ser contaminada por disputa.

Talvez a fé, nesse ponto, seja justamente a possibilidade de singularidade sem rivalidade. Eu posso desejar ser visto sem desejar que o outro seja invisível.

VOZ III · A TCI

Modelos por analogia preservam algumas propriedades e perdem outras. Projetar limites humanos sobre Deus é uma inferência que excede o espaço observacional disponível.

A TCI preserva X para aquilo que não posso atribuir. A afirmação de onisciência ou atenção divina pertence à teologia e à fé; a teoria apenas disciplina o salto inferencial.

O capítulo também introduz uma relação ética exploratória: singularidade não exige exclusão. Ser percebido não implica tornar outro sujeito menos real.

M_Deus construído por analogia humana ≠ realidade de Deus
ser percebido ≠ tornar o outro invisível

PARTE II

QUANDO OS OLHOS SE ACOSTUMAM AO FRIO

A disputa, a redução do semelhante, a mediação tecnológica e a decisão de não chamar crueldade de maturidade.

CAPÍTULO 5**Não deixa meu amor esfriar****VOZ I · PENSAMENTO**

Senhor meu Deus, os dias que vivemos parecem tão difíceis. Eu olho e vejo tanta falta de amor, tanta disposição para a guerra, tanta estratégia para vencer o outro. Tua palavra diz que, com a multiplicação da iniquidade, o amor de muitos se esfriaria. Eu leio isso e tenho medo de que o frio não esteja apenas do lado de fora. Tenho medo de aprender a mesma linguagem.

É fácil observar crueldade e começar a acreditar que a única maneira de sobreviver é se tornar mais cruel. É fácil ver pessoas tratando tudo como jogo, recorte, disputa de narrativa, e começar a calcular cada gesto. Quem ganhou? Quem perdeu? Quem humilhou melhor? Quem conseguiu deixar o outro sem resposta? Pai, não deixa meu coração aprender a chamar isso de inteligência.

Eu quero continuar reconhecendo uma criança, um filho, um idoso, uma pessoa à beira do caminho. Quero perceber o sorriso nos olhos, o sentimento na voz, a inclinação do corpo de quem tenta falar alguma coisa difícil. Quero lembrar que gentileza não é estupidez e que misericórdia não é falta de estratégia. Se eu precisar me proteger, que eu me proteja. Se precisar dizer não, que eu diga. Mas não deixa o amor esfriar dentro de mim.

Eu não quero chegar ao fim de uma batalha tendo vencido todas as discussões e perdido a capacidade de abraçar. Não quero estar certo e vazio. Não quero aprender a destruir tão bem que depois eu não saiba mais construir. Pai, me ajuda a não me contaminar.

VOZ II · O AUTOR

Mateus 24:12 aparece nesta oração como advertência, não como instrumento para diagnosticar toda a sociedade. É fácil usar textos sobre esfriamento do amor para apontar o dedo para o tempo presente e imaginar que os outros são a prova da profecia. O texto me confronta mais quando eu o trago para perto: o que a exposição contínua ao conflito está fazendo comigo?

Eu também preciso rever minhas próprias generalizações. Quando digo que “as pessoas apenas vivem em função de destruir o próximo”, sei que a frase nasce da indignação, não de um censo da humanidade. Existem pessoas cuidando, ensinando, alimentando, servindo, pesquisando, criando filhos, visitando doentes, fazendo trabalhos invisíveis de bondade. A dor tende a iluminar o que ameaça e escurecer o que permanece bom.

Isso não significa negar corrupção, violência, manipulação ou injustiça. Significa recusar que eventos reais sejam convertidos em descrição total da espécie humana. Se eu transformar a crueldade que observo em modelo completo do mundo, o modelo começa a me educar. Eu passo a esperar hostilidade em toda aproximação e posso produzir exatamente o ambiente que temo.

Talvez a oração “não deixa meu amor esfriar” seja também uma disciplina perceptiva: continuar procurando sinais de humanidade sem abandonar prudência.

VOZ III · A TCI

A TCI descreve toda representação como seleção. Em contextos de ameaça, certas propriedades podem ganhar peso desproporcional no modelo do observador. Isso é funcional para proteção, mas pode produzir compressões excessivas.

Uma formulação exploratória: $M_{\text{mundo}}(t) = \Phi(\text{eventos percebidos, memória, exposição, afetos, contexto, } X)$. Se a amostra observacional é dominada por conflito, o modelo pode superestimar a frequência ou centralidade do conflito na realidade total.

Reconhecer essa possibilidade não invalida denúncias concretas. Apenas impede que recortes sejam promovidos a totalidade sem evidência suficiente.

$$M_{\text{mundo}} = \Phi(\text{recortes, memória, exposição, contexto, } X)$$

$$\text{recorte real} \neq \text{realidade integral}$$

CAPÍTULO 6**Quando o semelhante vira oponente****VOZ I · PENSAMENTO**

Pai, há uma coisa que me assusta: a facilidade com que transformamos pessoas em funções de uma disputa. Alguém deixa de ser pai, mãe, filho, trabalhador, alguém que acorda com medo, que tem história, que sente vergonha, que talvez chore escondido. Vira apenas “o outro lado”. E quando alguém vira apenas o outro lado, parece que tudo pode ser feito contra ele.

Eu não quero viver assim. Eu sei que existem conflitos reais. Sei que existem atos que precisam ser confrontados, direitos que precisam ser defendidos, responsabilidades que precisam ser atribuídas. Mas não quero que a necessidade de nomear um erro me dê licença para apagar todo o restante da pessoa.

Senhor, me ensina a discordar sem fabricar monstros. Me ensina a colocar limite sem desejar humilhação. Me ensina a reconhecer que alguém pode ter feito algo grave e ainda possuir dimensões que eu não conheço. E me ensina também a não usar essa complexidade como desculpa para relativizar o mal. Eu quero uma justiça que enxergue pessoas inteiras e atos concretos.

Talvez seja isso que eu procuro quando peço para não me tornar cruel: não perder a precisão. Não precisar odiar para reconhecer responsabilidade. Não precisar destruir a dignidade de alguém para proteger a minha.

VOZ II · O AUTOR

Conflitos comprimem. Eles precisam de categorias operacionais: autor, réu, vítima, responsável, adversário, aliado, favorável, contrário. Essas categorias são necessárias em determinados sistemas, mas se tornam perigosas quando passam a reivindicar equivalência com a identidade total.

Os volumes anteriores já trabalhavam a ideia de identidade como trajetória. Aqui ela ganha uma função ética. Uma pessoa pode ser responsabilizada por um ato sem ser ontologicamente reduzida ao ato. E uma longa história positiva não apaga automaticamente um comportamento grave no presente. As duas cautelas precisam coexistir.

Isso também vale para mim. Quando me sinto atacado, meu modelo do outro tende a reorganizar memórias em torno do dano. Sinais antigos recebem nova interpretação. A TCI chama atenção para compressões recursivas: uma representação anterior torna-se insumo da seguinte. Por isso, revisar o modelo não é ingenuidade; é higiene epistemológica.

Humanizar não significa abandonar justiça. Significa impedir que justiça seja convertida em licença para totalização moral.

VOZ III · A TCI

A Identidade como Trajetória Observacional impede reduzir um sistema pessoal a um único estado. Ao mesmo tempo, o estado atual continua relevante.

Em linguagem exploratória: $S_O(t_0) \in T_O$, mas $S_O(t_0) \neq T_O$ inteira. O ato pertence à trajetória sem esgotá-la.

A ética deste capítulo não é um teorema canônico da TCI. É uma aplicação: responsabilizar propriedades observadas sem reivindicar acesso total à identidade do outro.

$$S_O(t_0) \in T_O$$

$$S_O(t_0) \neq \textit{identidade total}$$

CAPÍTULO 7

A tecnologia que me formata**VOZ I · PENSAMENTO**

Senhor, me ajuda a não me contaminar com os modelos impostos, com a tecnologia que me formata. Eu gosto de tecnologia. Eu vivo cercado dela. Ela me permite estudar, trabalhar, conversar, construir, procurar informação. Mas eu também percebo como uma tela pode escolher, antes de mim, aquilo que chegará aos meus olhos.

Eu abro uma notícia e encontro outra. Vejo uma indignação e logo aparecem dez indignações parecidas. Um conflito chama outro. Uma fala curta vira um recorte; o recorte vira uma pessoa inteira; a pessoa inteira vira um símbolo. E, quando percebo, passei uma hora olhando para o que há de pior e saio com a impressão de que o pior é tudo o que existe.

Pai, me dá inteligência para usar aquilo que construímos sem permitir que aquilo que construímos escolha sozinho o que eu serei. Que eu saiba desligar. Que eu saiba caminhar sem levar uma tela na frente dos olhos. Que eu reconheça quando estou alimentando a mente com conflito porque o conflito é mais chamativo do que a bondade silenciosa.

Não quero demonizar uma ferramenta. Quero lembrar que atenção é vida. Aquilo a que entrego meus olhos repetidamente começa a ocupar espaço dentro de mim. Ensina-me a escolher também o que merece ser visto.

VOZ II · O AUTOR

A tecnologia não é um observador neutro nem um agente único. Plataformas, algoritmos, escolhas humanas, interesses econômicos, hábitos, redes sociais e contextos culturais interagem. Por isso, seria simplista dizer que “a tecnologia causa a falta de amor”. O que posso sustentar é algo mais modesto: tecnologias mediam o campo de sinais disponível ao observador.

Essa mediação importa porque meu modelo do mundo depende, em parte, daquilo que alcança meu espaço observacional. Se sistemas de seleção priorizam determinadas propriedades - novidade, conflito, engajamento, proximidade, relevância calculada -, isso pode alterar a frequência com que certos tipos de evento entram em minha experiência.

Ainda assim, eu continuo participante. Eu clico, sigo, paro, escolho, compartilho, silencio, saio. Não possuo controle total sobre o ambiente informacional, mas também não sou apenas vítima passiva dele. A responsabilidade está distribuída.

A oração pede exatamente isso: não a destruição da tecnologia, mas liberdade suficiente para lembrar que a tela é uma janela construída, não a realidade inteira.

VOZ III · A TCI

Na TCI, o Espaço Observacional $\Omega_O(t)$ depende dos instrumentos disponíveis. Ferramentas tecnológicas podem ampliar Ω em algumas dimensões e estreitá-lo em outras pela seleção do que é apresentado.

Formulação exploratória: $\Omega_{\text{mediado}}(t) = f(\text{fontes, algoritmos, escolhas, redes, contexto})$. O modelo resultante continua sendo compressão.

Portanto, frequência de exposição não equivale automaticamente a frequência real no mundo. O observador precisa preservar essa diferença.

$$\Omega_{\text{mediado}}(t) = f(\text{fontes, algoritmos, escolhas, redes, contexto})$$
$$\text{frequência exibida} \neq \text{frequência integral de } R$$

CAPÍTULO 8**Gentileza não é ingenuidade****VOZ I · PENSAMENTO**

Pai, a bondade começou a parecer fraqueza para muita gente. Quem fala baixo parece perder. Quem não humilha parece não saber se defender. Quem dá outra chance é chamado de ingênuo. Quem prefere conversar parece não entender o jogo. Senhor, eu não quero confundir mansidão com ausência de limite, mas também não quero chamar crueldade de maturidade.

Ensina-me a apertar uma mão com calor sem entregar minha segurança. Ensina-me a olhar nos olhos sem imaginar que todo sorriso é armadilha. Ensina-me a ser gentil sem me colocar de novo em lugares que já mostraram risco. Há uma medida difícil entre coração aberto e porta com fechadura. Eu preciso aprender essa medida.

Se eu puder ajudar alguém a voltar a sorrir, que eu ajude. Se eu puder escutar sem dar conselho, que eu escute. Se eu puder pagar um café, carregar uma sacola, mandar uma mensagem, reconhecer um esforço, que eu faça. Talvez o mundo não mude por causa de um gesto, mas o mundo de alguém pode ficar menos pesado por alguns minutos.

E, se alguém rir da minha gentileza, Pai, não deixa que eu precise provar nada. Eu quero ser bom porque acredito que a bondade tem valor, não porque ela sempre será recompensada.

VOZ II · O AUTOR

Há um risco real em romantizar bondade. Pessoas podem explorar disponibilidade, manipular culpa e usar linguagem religiosa para exigir acesso de quem precisa de distância. Os volumes anteriores já fizeram essa distinção: desejar o bem não obriga proximidade; perdão não reconstrói automaticamente confiança.

Por isso, gentileza e prudência não são opostos. A bondade madura inclui capacidade de dizer não. Inclui perceber assimetrias, observar padrões, registrar fatos, buscar ajuda e reconhecer quando uma relação precisa de fronteiras. O que ela tenta evitar é outra coisa: transformar proteção em prazer de ferir.

Também não quero medir todo gesto por eficácia histórica. Uma conversa talvez não mude uma instituição; um café talvez não resolva uma vida. Mas a experiência humana não é feita apenas de eventos de grande escala. Pequenas interações podem modificar estado, memória e expectativa.

A pergunta passa a ser menos grandiosa e mais prática: que tipo de perturbação minha presença produz nos sistemas que toca?

VOZ III · A TCI

Perturbação Sistêmica não significa necessariamente dano. Qualquer interação capaz de modificar estado ou trajetória pode ser descrita como perturbação em sentido amplo.

Neste volume, proponho a expressão exploratória “perturbação benevolente” para designar interações que aumentam segurança, acolhimento, esperança ou capacidade de ação sem pretender mensuração moral universal.

Não é conceito canônico da TCI. É uma aplicação literário-ética: minha presença pode alterar o estado de outro sistema para melhor sem que eu controle sua trajetória inteira.

$$O1 \xrightarrow{P+} O2'$$

$P+$ = *perturbação benevolente (formulação exploratória)*

PARTE III

QUANDO EU QUERIA TE SENTAR AO MEU LADO

A montanha imaginada, a presença invisível, a flor nas rachaduras e o valor das coisas que não precisam de performance.

CAPÍTULO 9**A montanha que eu queria subir****VOZ I · PENSAMENTO**

Deus, tem momentos em que eu queria caminhar numa montanha. Eu nem sei qual montanha. Talvez uma estrada de terra subindo devagar, talvez pedras, talvez capim alto nas margens. Eu queria sentir o corpo cansar de um jeito simples, diferente do cansaço de pensar. Queria chegar num lugar alto no fim da tarde, sentar e ver o sol descendo contigo.

Eu levaria tantas coisas entaladas na garganta. Não precisaria de mesa, computador, documento, prazo. Só o horizonte. Eu falaria do mundo, das coisas que estou percebendo, do medo de ficar frio, da vontade de fazer o bem sem parecer ingênuo, dos sonhos que ainda carrego e das perguntas que não sei onde guardar.

Talvez eu ficasse um tempo sem falar. Acho que isso seria bom. Sentar ao lado de alguém que amamos e não precisar preencher cada segundo com palavras é uma forma de intimidade. Eu queria viver essa imagem contigo: o vento, o céu mudando de cor, algum pássaro passando longe e a sensação de que eu não preciso apresentar uma versão eficiente de mim.

Pai, eu sei que a montanha pode ser apenas minha imaginação procurando um cenário para a paz. Mas, mesmo assim, recebe essa imagem. Há dias em que a alma precisa desenhar um lugar onde consegue respirar.

VOZ II · O AUTOR

A Bíblia possui muitas montanhas, mas eu não quero sequestrar nenhuma delas para dizer que minha imagem é igual à de Moisés, Elias ou Jesus. Minha montanha é mais simples: é uma construção imaginativa para representar distância do ruído e proximidade desejada.

Isso me lembra que a imaginação não é inimiga da racionalidade. Ela permite ensaiar mundos, criar metáforas, testar possibilidades e dar forma sensível a necessidades abstratas. O problema começa quando confundimos a cena imaginada com promessa factual. Eu não sei se algum dia terei exatamente essa tarde. Mas sei o que a imagem revela: preciso de silêncio, presença, beleza e conversa sem performance.

Há ainda algo importante: eu não quero fugir permanentemente do mundo. A montanha seria um lugar de reorganização, não de abandono da realidade. Eu queria voltar dela mais capaz de olhar pessoas, trabalhar, decidir e amar.

Talvez toda contemplação saudável tenha esse movimento: afastar-se o suficiente para perceber e retornar sem desprezar aquilo de que se afastou.

VOZ III · A TCI

A imaginação produz modelos de futuros e cenários possíveis a partir de memória, desejo e informação disponível. Na TCI, isso continua sendo representação.

Podemos escrever de forma exploratória: $M_{\text{cenário}} = \Phi(\text{memória, desejo, símbolos, necessidades presentes})$. O cenário não precisa existir fisicamente para revelar propriedades do estado do observador.

A montanha imaginada, portanto, não é evidência de futuro. É dado sobre o presente: mostra aquilo que o observador busca preservar.

$M_{montanha} = \Phi(\text{memória, desejo, silêncio, necessidade de presença})$
imagem desejada $\neq$ profecia

CAPÍTULO 10**Falar contigo de fora****VOZ I · PENSAMENTO**

Senhor, que ironia. O Senhor disse que estaria conosco todos os dias. A fé que me formou diz que o Espírito habita em nós. E ainda assim, naquela montanha imaginada, eu queria Te tirar de dentro e colocar do lado. Eu queria olhar para Ti de fora. Queria perguntar e perceber uma resposta chegando como chega a voz de alguém sentado perto.

Porque falar de dentro, às vezes, é dor. Dentro existem memória, medo, desejo, expectativa. Dentro uma frase minha pode se misturar com outra. Eu pergunto: fui eu que pensei? Foi apenas vontade? Foi medo? Foi lembrança? Foi fé? Eu queria, por alguns minutos, a simplicidade de uma conversa externa: eu falo, o Senhor responde, eu escuto.

Pai, eu não quero inventar voz para acabar com a incerteza. Não quero chamar de revelação aquilo que nasceu apenas do meu desejo. Mas também não quero transformar prudência em distância. Eu continuo desejando Te ouvir.

Então, se a presença que eu creio não vier da maneira sensorial que minha imaginação gostaria, ensina-me a reconhecer o que é possível reconhecer sem fabricar o que não aconteceu. Eu quero proximidade sem mentira. Fé sem autoengano. Intimidade sem abandonar discernimento.

VOZ II · O AUTOR

Este talvez seja um dos capítulos mais delicados do livro porque toca experiência religiosa interna. O desejo de uma resposta clara pode levar uma pessoa a interpretar pensamentos, coincidências ou emoções como comunicação divina específica. Eu não quero construir um método para isso.

A oração é honesta justamente porque admite a ambiguidade: quando algo acontece “dentro”, várias fontes possíveis participam da experiência. Memória, linguagem, expectativa, medo, desejo, tradição e estado corporal podem influenciar o que percebo. Reconhecer isso não destrói a fé; protege-a de precisar chamar toda impressão de revelação.

Ao mesmo tempo, minha tradição cristã afirma presença. Eu vivo essa afirmação como confissão, não como medição. Posso dizer “creio que Deus está comigo” e, simultaneamente, reconhecer que não possuo acesso experimental à interioridade divina nem um detector infalível de mensagens particulares.

Talvez maturidade, aqui, seja permanecer aberto sem fabricar certeza.

VOZ III · A TCI

A TCI trata o observador como parte do sistema. Experiências internas são representadas por um observador que também é atravessado por memória, expectativa, linguagem e contexto.

Por isso, atribuir causalidade específica exige cautela. Um conteúdo mental C percebido não traz automaticamente sua origem etiquetada.

A teoria preserva X para a fonte quando ela não pode ser demonstrada. A fé pode interpretar a vida religiosamente; a disciplina epistemológica impede transformar toda interpretação em fato objetivo.

C_percebido ≠ origem causal demonstrada

quando a origem não é observável com segurança → preservar X

CAPÍTULO 11**A flor entre as rachaduras****VOZ I · PENSAMENTO**

Pai, eu queria continuar usando os sentidos que o Senhor me deu. Senão, do que eles me valeriam? Eu não quero passar por uma manhã inteira sem ouvir o som de um pássaro porque minha cabeça estava presa numa discussão que aconteceu ontem. Não quero atravessar um jardim olhando apenas para a tela. Não quero que uma flor precise gritar para eu perceber que ela conseguiu nascer entre rachaduras.

Há alguma coisa profundamente bonita numa planta pequena vencendo o espaço estreito entre pedras. Eu sei que ela não pensa em superação como nós pensamos. Ela apenas cresce segundo aquilo que é. Mesmo assim, quando eu olho, minha mente encontra uma imagem: vida aparecendo onde o cenário parecia dizer que não havia espaço.

O orvalho também me impressiona. De manhã, antes de o dia se tornar barulhento, há gotas sobre folhas, uma luz diferente, um ar que ainda parece não ter sido ocupado por todas as urgências. Eu queria conseguir perceber mais vezes essas coisas antes que desapareçam.

Ensina-me, Senhor, a não exigir grandes milagres para reconhecer beleza. Talvez eu esteja pedindo respostas enormes enquanto pequenas realidades continuam me oferecendo presença. Eu não quero usar a natureza como prova simplista de que tudo está bem. O mundo também tem seca, doença, predadores, tempestades. Mas eu quero permitir que a beleza seja beleza sem precisar resolver toda a existência.

VOZ II · O AUTOR

A contemplação pode ser romantizada, mas ela possui uma função cognitiva concreta: direciona atenção. O fato de algo estar disponível aos sentidos não significa que será percebido. Atenção é seleção.

Isso me faz pensar numa diferença importante: realidade acessível e realidade percebida não são idênticas. Um pássaro pode cantar e eu não registrar; alguém pode sorrir e eu não perceber; uma criança pode tentar contar algo enquanto minha atenção está em outro lugar. A propriedade estava no campo sensorial, mas não entrou com peso suficiente no modelo consciente.

Não quero transformar contemplação em culpa - ninguém consegue perceber tudo. A própria TCI afirma limite estrutural. O que posso fazer é escolher, em alguns momentos, reduzir ruído para ampliar acesso a propriedades que o ritmo habitual comprime.

A flor entre as rachaduras, portanto, não precisa virar argumento. Pode permanecer como encontro.

VOZ III · A TCI

O Espaço Observacional define dimensões acessíveis ao observador, mas acesso não garante atenção efetiva. Neste volume, proponho distinguir R_acessível de R_percebida como recurso explicativo.

A seleção atencional é uma forma de compressão: propriedades presentes podem receber peso próximo de zero no modelo construído.

Isso reforça uma disciplina: ausência no modelo consciente não equivale automaticamente a ausência no ambiente.

R_acessível ≠ R_percebida
não percebi ≠ não estava presente

CAPÍTULO 12**O valor das coisas que não custam****VOZ I · PENSAMENTO**

Senhor, às vezes parece que a vida inteira foi transformada em produção. Trabalhar, ganhar, comprar, melhorar, trocar, produzir mais, descansar para voltar a produzir. Eu não desprezo trabalho. O trabalho me sustentou, me ensinou, abriu caminhos. Eu gosto de construir. Mas eu não quero esquecer que algumas das coisas que mais desejo não têm etiqueta de preço.

Uma tarde calma. Caminhar de manhã ao lado de quem a gente ama. Tomar café sem olhar o relógio a cada minuto. Ouvir alguém contando uma história que já contou antes. Sentar perto de uma pessoa querida sem fazer absolutamente nada e não sentir que o silêncio precisa ser justificado.

O dinheiro pode comprar a cadeira, mas não compra automaticamente quem sentará nela com amor. Pode comprar uma passagem, mas não garante que a viagem será paz. Pode construir uma casa, mas não produz sozinho aquilo que faz uma casa parecer lar. Eu quero prosperar, Pai, mas não quero me tornar incapaz de reconhecer riqueza quando ela chega sem nota fiscal.

Que eu não trabalhe tanto para possuir tudo aquilo que um dia me impeça de viver aquilo que realmente queria possuir: tempo, presença, saúde, afeto, curiosidade, fé, uma mesa em que ninguém precise performar.

VOZ II · O AUTOR

Há um risco em opor dinheiro e sentido como se fossem inimigos. Recursos econômicos protegem, alimentam, tratam, educam, ampliam liberdade e podem reduzir sofrimento. O problema não é reconhecer valor econômico. É transformar valor econômico na única métrica disponível.

Modelos sociais comprimem qualidade de vida em indicadores: renda, patrimônio, consumo, produtividade, posição. Esses indicadores preservam propriedades importantes, mas não esgotam a experiência. Um dia pode ter baixa produtividade econômica e alta densidade afetiva.

Eu também preciso ouvir minha própria oração com responsabilidade. Dizer que “as melhores coisas não custam um centavo” é poeticamente verdadeiro em algumas dimensões, mas relações e tempo também dependem de condições materiais. Contemplação é mais fácil quando necessidades básicas estão protegidas. A frase funciona melhor como correção de totalização, não como negação da economia.

O que eu quero preservar é simples: preço e valor não são sinônimos.

VOZ III · A TCI

A TCI permite observar indicadores como modelos parciais. Um índice econômico, por exemplo, representa propriedades selecionadas e não a realidade integral da vida.

Neste capítulo, “valor” é usado em sentido existencial, não como variável econômica formal. A desigualdade preço ≠ valor funciona como recurso filosófico, não como equação mensurável.

O observador deve lembrar que aquilo que é facilmente quantificável tende a ocupar espaço excessivo em modelos decisórios simplesmente porque é mensurável.

preço ≠ valor existencial integral
mensurável ≠ totalidade do que importa

PARTE IV

ALÉM DE MIM, ALÉM DE TEMPLO

Corpo, imaginação, bondade e o desejo de perceber Deus para além da dor, sem confundir contemplação com certeza.

CAPÍTULO 13

Cada célula clama

VOZ I · PENSAMENTO

Pai amado, escuta a voz da minha alma. Escuta aquilo que eu ainda não consigo vocalizar e aquilo que a minha mente não consegue construir com clareza. Há momentos em que parece que todo o meu organismo reage. Não é somente a mente que pensa, nem somente a boca que pede. É como se cada célula, cada conexão nervosa, cada parte pequena da minha existência dissesse junto comigo: Pai, eu quero viver. Eu quero alcançar os sonhos mais básicos, mais simples, aqueles que nem deveriam parecer extraordinários para quem olha de fora, mas que dentro de mim ganharam o tamanho de uma oração inteira.

A minha própria existência quer vencer, Pai. Não vencer alguém. Não ficar acima de ninguém. Vencer no sentido de chegar a uma vida em que eu possa respirar sem sentir que cada dia precisa ser uma batalha. Há algo em mim que percebe que o estado atual não é o estado que eu desejo chamar de definitivo. Eu quero estar dentro do Teu propósito, e eu digo isso com uma intensidade que às vezes chega antes das palavras. Eu queria me debruçar diante da Tua grandeza e confessar o quanto sou dependente, o quanto ainda preciso de Ti e o quanto desejo uma alegria que eu ainda não conheço por inteiro.

Então eu volto àquela montanha que existe na minha imaginação. Eu consigo sentir o perfume das flores, ouvir os pássaros, perceber algum animal correndo entre os arbustos. Consigo imaginar o vento tocando o rosto, mexendo o cabelo, levantando uma folha antes de deixá-la cair outra vez. E, nessa cena, eu consigo imaginar também um sorriso Teu ao me ver encantado. Pai, eu preciso dizer com cuidado: isso não é uma revelação. É uma imaginação. É assim que eu gostaria de conviver contigo por alguns instantes, como quem muda o cenário da dor para conseguir lembrar que existe universo ao redor dela.

Eu queria que essa experiência fosse maior do que sentir a minha dor. Queria que o Senhor, sem deixar de habitar em mim segundo a fé que confesso, pudesse por um instante parecer estar ao meu lado, mostrando a alegria que existe em volta. Quem sabe um dia eu olhe para trás e perceba que essa contemplação não chegou na forma que imaginei, mas chegou quando vi Deus numa criança, numa companhia, num abraço, numa presença que não exigia explicação. Quem sabe exista uma alegria tão profunda que hoje eu ainda não consigo representar. Se existir, Pai, preserva em mim espaço para recebê-la.

Há uma parte de mim que gostaria de conseguir separar tudo: aqui está a fé, aqui está a razão, aqui está o corpo, aqui está a emoção. Mas, quando a vida aperta, essas fronteiras ficam menos nítidas na experiência. Eu penso com o corpo cansado, oro com a memória

acordada, espero com o peito apertado. Então eu Te peço, Pai: acolhe o homem inteiro. Não apenas a frase que ele consegue pronunciar.

E se um dia os meus sonhos mais simples se realizarem, não deixa que eu esqueça como era desejar coisas tão básicas com toda a força da existência. Que eu não olhe para quem ainda espera e diga que é pouco. Que eu me lembre do tamanho que uma casa tranquila, uma presença segura, uma mesa, um abraço e um pouco de paz podem adquirir quando parecem distantes. Faz da memória da falta uma escola de delicadeza, não de arrogância.

VOZ II · O AUTOR

Quando releio essa oração, a primeira coisa que preciso fazer é distinguir linguagem poética de afirmação biológica. Quando digo que "cada célula clama", não estou propondo que células formulem desejos ou produzam oração. Estou tentando descrever uma experiência em que sofrimento, expectativa e desejo parecem atravessar o corpo inteiro. O corpo participa da espera: respiração, tensão, sono, cansaço, disposição e memória corporal fazem parte da maneira como uma experiência é vivida.

Isso é importante porque durante muito tempo tratei muitas perguntas como se existissem apenas na cabeça. Eu procurava a lógica da situação e imaginava que uma resposta cognitivamente suficiente reorganizaria todo o restante. Nem sempre reorganiza. Há momentos em que compreendo alguma coisa e ainda preciso de tempo para que o corpo acompanhe a compreensão. Há outros em que o corpo reage antes que eu consiga nomear o que aconteceu.

A frase "isso não é uma revelação, é uma imaginação" se tornou central para mim. Eu posso preservar uma cena bonita sem promovê-la a informação sobrenatural. Posso imaginar Deus sentado ao meu lado sem afirmar que recebi uma visão. Posso desejar que uma alegria futura exista sem declarar que conheço seu formato. A imaginação permanece livre exatamente porque não precisa se disfarçar de certeza.

Talvez essa montanha seja uma maneira de o meu próprio pensamento abrir espaço quando a dor ocupa demais o campo de visão. Ela não resolve processos, não altera fatos e não prova propósito. Mas reorganiza escala. Há vento, árvore, céu, som e distância. A vida deixa de caber apenas no acontecimento que mais dói naquele momento. Isso não elimina a perturbação; apenas impede que ela reivindique sozinha o tamanho inteiro da realidade.

Também percebo que aquilo que chamo de "sonhos básicos" é básico para mim, não necessariamente universal. A linguagem revela prioridades construídas pela minha trajetória. Casa, paz, presença, convivência e estabilidade carregam peso porque se conectam ao que vivi. Reconhecer isso evita transformar minha escala pessoal em medida objetiva do que toda pessoa deveria desejar.

VOZ III · A TCI

A TCI permite descrever essa oração sem converter metáfora em mecanismo biológico. O observador constrói representações a partir de múltiplos sinais: linguagem, memória, afeto, percepção corporal e contexto. Uma oração verbal é apenas uma das formas pelas quais o estado vivido se torna representável.

Como formulação exploratória deste volume, pode-se chamar de oração corporificada a situação em que o observador reconhece que a experiência religiosa é vivida também através do corpo, sem afirmar que processos celulares possuam intencionalidade espiritual própria. A distinção protege a poesia sem apresentá-la como fisiologia.

A cena da montanha também pode ser tratada como modelo imaginado. Ela reorganiza elementos disponíveis ao observador - memória, desejo, paisagem, fé, referências sensoriais - e constrói uma

possibilidade representacional. Possibilidade não é previsão e imaginação não é evidência de acontecimento futuro.

$M_{\text{oração}}(t) = \Phi(\text{linguagem, corpo percebido, memória, afeto, contexto})$

imaginação $\neq$ revelação; possibilidade representada $\neq$ futuro demonstrado

CAPÍTULO 14

Não retire de mim esta imaginação

VOZ I · PENSAMENTO

Querido Deus, eu queria materializar todo esse sentimento que está dentro de mim. Eu queria pegar a bondade que encontro nas palavras e nos ensinamentos de Jesus e transpor para fora. Queria que ela deixasse de ser apenas uma ideia bonita dentro da minha cabeça e pudesse aparecer numa conversa, num gesto, numa forma de tratar alguém, numa escolha feita quando seria mais fácil devolver dureza. Eu queria vivenciar aquilo que digo que creio.

Hoje eu consigo visualizar como se o Senhor estivesse caminhando comigo por essas campinas. Há uma beleza tranquila acompanhando os passos. Flores das árvores tocam o chão e, por alguns instantes, a paisagem parece uma sala de estar do próprio capricho do existir. Eu sei que essa imagem nasce em mim, mas ela me faz desejar uma existência menos apressada. Eu queria ouvir o curso das águas, sentir o frescor, a claridade, o brilho, perceber que a criação possui detalhes que não precisam disputar atenção para terem valor.

Que esse brilho possa exceder a mera contemplação imaginária e alcançar o riso de uma criança, o calor de um abraço, o brilho vivo de um olhar, um sorriso que impacta e transporta para dentro de uma alegria difícil de explicar. Se quem estiver lendo estas páginas pudesse enxergar por alguns segundos aquilo que estou enxergando enquanto oro, talvez entendesse por que eu Te peço: não retire de mim esta imaginação. Não a deixa morrer de tanto conflito, de tanta pressa, de tanta necessidade de me defender.

Mostra-me que o mundo é maior do que competição, maior do que vencer o semelhante, maior do que acumular riqueza. Eu quero trabalhar, construir, prosperar e viver uma vida boa, mas não quero pagar por isso com a incapacidade de amar. Não quero que a luta por uma vida melhor destrua justamente a sensibilidade que tornaria essa vida digna de ser vivida. Preserva em mim a possibilidade de ainda me encantar, Pai. Preserva a capacidade de imaginar bondade antes mesmo de conseguir praticá-la perfeitamente.

Talvez eu esteja pedindo, no fundo, para não perder a capacidade de criar internamente uma imagem de bondade antes que ela exista do lado de fora. Porque a crueldade também imagina. Ela calcula humilhações, ensaia respostas, constrói cenários de vitória sobre o outro. Então eu Te peço que minha imaginação não seja ocupada apenas por defesa e revanche. Que ela ainda consiga produzir jardins, mesas, encontros, crianças rindo, gente reconciliada consigo mesma e gestos que não precisam de plateia.

Eu queria que a vida tivesse mais momentos em que ninguém estivesse tentando ganhar. Um banco de praça. Um caminho de terra. Um café ficando frio porque a conversa estava

boa. Alguém olhando uma paisagem sem precisar fotografar imediatamente. Um silêncio que não seja constrangimento. Talvez seja simples demais, Pai, mas eu continuo achando que existe santidade em algumas simplicidades que não sabemos mais perceber.

VOZ II · O AUTOR

A imaginação aparece aqui como mais do que ornamentação literária. Ela funciona como espaço de ensaio. Antes de um gesto existir, muitas vezes ele já foi representado como possibilidade. Isso vale para cuidado e para crueldade. Posso imaginar uma resposta vingativa e alimentá-la; posso também imaginar uma presença cuidadosa e tornar mais provável que eu reconheça caminhos para praticá-la.

Por isso preciso proteger a imaginação sem idolatrá-la. A mesma capacidade que produz uma campina luminosa pode produzir cenários falsos, medos antecipados e certezas que nunca receberam evidência. A maturidade não exige destruir a imaginação; exige saber em que categoria ela está. Uma cena desejada pode ser profundamente verdadeira como expressão do meu coração e continuar sendo incerta como descrição do futuro.

Quando digo que gostaria que o leitor visse o que estou vendo, percebo outra transformação. O livro deixa de ser apenas um lugar onde depósito sofrimento e passa a tentar compartilhar uma maneira de olhar. Talvez essa seja uma das funções da literatura: emprestar por alguns minutos o espaço observacional de outra pessoa. O leitor não recebe minha realidade inteira, mas recebe uma composição de imagens, ritmos e perguntas que podem modificar a própria percepção.

A bondade que desejo externalizar também precisa escapar da performance. Não quero praticar cuidado apenas para construir uma imagem de homem bom. Quero que a ação sobreviva mesmo quando ninguém estiver assistindo. Se a contemplação não produzir nenhuma relação mais cuidadosa com o mundo, ela corre o risco de se tornar apenas um refúgio bonito. Se produzir atenção, paciência e presença, então a paisagem imaginada começou a tocar o mundo real.

Essa imaginação também tem função crítica. Ao construir uma cena em que relações não dependem de competição permanente, eu torno visível o contraste com ambientes nos quais desempenho, disputa e exposição dominam. O cenário imaginado não prova que outro mundo aparecerá; ele evidencia valores que desejo preservar enquanto decido no mundo que existe.

VOZ III · A TCI

Na TCI, uma representação imaginada continua sendo um modelo construído pelo observador. Ela pode combinar memória, valores, experiências anteriores, expectativas e elementos sensoriais para produzir um cenário possível que não está atualmente disponível como realidade observada.

Como aplicação exploratória, pode-se representar a imaginação ética como construção de possibilidades de ação que preservam propriedades desejadas - cuidado, beleza, gentileza, presença - sem transformar essas possibilidades em previsão. O modelo pode orientar escolha sem reivindicar equivalência com o futuro.

A literatura acrescenta uma camada recursiva: o modelo interno do autor é comprimido em linguagem e torna-se insumo para um novo modelo no leitor. Não existe transferência integral de experiência. Existe reconstrução a partir do texto.

$$M_{\text{possível}} = \Phi(\text{memória, desejo, valores, percepção, linguagem, } X)$$

imaginar pode orientar ação; imaginar não equivale a prever

CAPÍTULO 15

Além de mim, além de templo

VOZ I · PENSAMENTO

Ah, Senhor, como eu Te vejo? Eu quero Te ver além de mim, além de templo. Não porque eu despreze aquilo que acontece dentro de mim ou a comunidade em que a fé é vivida, mas porque eu quero perceber a Tua bondade transbordando para fora das fronteiras que consigo nomear. Quero Te ver numa pessoa servindo sem humilhar, numa criança rindo sem medo, num abraço que não cobra nada, num olhar que consegue permanecer gentil depois de dias difíceis.

Eu quero que o Senhor esteja não somente dentro de mim, mas para além de mim. Que aquilo que aprendo contigo possa ser contemplado a partir de mim, sobre mim e diante de mim. Se eu digo que conheço amor, que exista alguma forma desse amor aparecer no espaço que ocupo. Se eu digo que recebi misericórdia, que eu não seja o primeiro a negar misericórdia quando alguém falhar. Se eu digo que acredito em graça, que minha presença não seja uma fábrica de condenação.

Eu também quero aprender a estar perto sem precisar performar o tempo todo. Quero conseguir sentar ao lado de quem amo e não transformar cada silêncio em problema. Quero ser motivo de alguém voltar a sorrir, mas não porque eu precise ser necessário. Quero apenas não aumentar a dor quando posso diminuir um pouco o peso. Quero que as pessoas encontrem em mim espaço para existir sem que eu transforme imediatamente a vulnerabilidade delas em julgamento, conselho ou história para contar depois.

E ainda Te peço uma coisa, Pai, talvez com a parte mais romântica de mim: eu espero que o Senhor seja tão romântico quanto eu tento ser. Eu espero que, de alguma forma que eu ainda não conheço, os sonhos simples que carrego possam encontrar realidade. Mas, enquanto eles não chegam, ensina-me a perceber. Percebe-me quando eu chorar, sim. Escuta meu gemido. E não permita que, pedindo para ser visto por Ti, eu me torne incapaz de ver quem está diante de mim.

Eu quero Te ver, Senhor Jesus, sendo servido e servindo. Quero perceber a grandeza no gesto de quem se abaixa sem se diminuir, de quem ajuda sem usar a ajuda como dívida, de quem consegue oferecer presença sem possuir a pessoa. Se a minha fé fala de um Cristo que se fez servo, então não deixa que eu use o conhecimento, a posição ou qualquer vitória para me afastar justamente daquilo que digo admirar em Ti.

Talvez eu nunca consiga viver toda a bondade que imagino. Talvez eu falhe muitas vezes, me irrite, me feche, interprete mal, responda antes de escutar. Ainda assim, Pai, não

deixa que a falha seja desculpa para desistir do caminho. Corrige-me sem apagar minha ternura. Dá-me prudência sem cinismo. Dá-me limite sem prazer em excluir. Dá-me força sem necessidade de esmagar.

VOZ II · O AUTOR

"Além de mim, além de templo" não significa que eu tenha encontrado uma nova definição de Deus. É uma frase de oração. Ela registra meu desejo de que a fé não permaneça confinada ao estado interior nem ao espaço religioso formal. Eu quero que aquilo que confesso produza consequências observáveis na forma como trato pessoas, uso poder, respondo a conflito e distribuo atenção.

Isso também reorganiza a pergunta que iniciou o volume. Eu comecei pedindo: Deus, percebe-me. A oração era dirigida para cima, para dentro, para o mistério de ser ouvido. Aos poucos ela se tornou também uma pergunta horizontal: quem deixa de ser percebido quando minha própria dor ocupa todo o campo? Eu conheço por experiência o sofrimento de me sentir reduzido; por isso não quero transformar outras pessoas em recortes convenientes.

Ver Deus nas pessoas, nesta obra, pertence à linguagem da fé e da contemplação. Não significa divinizar cada pessoa nem transformar toda ação humana em manifestação divina. Significa reconhecer que, para mim, certas experiências de cuidado, serviço, inocência, beleza e misericórdia podem funcionar como lugares de lembrança daquilo que creio sobre Deus. A TCI não demonstra essa interpretação; apenas pode observar como ela reorganiza meu modelo e minhas decisões.

No fim das contas, presença sem performance e cuidado sem espetáculo se encontram aqui. Eu não controlo se alguém sorrirá depois de falar comigo. Não controlo se minha bondade será reconhecida. Posso, porém, escolher não usar a fragilidade do outro como entretenimento, não transformar todo desacordo em guerra e não exigir que cada relação confirme o meu valor. Isso já é uma forma concreta de externalizar aquilo que antes existia apenas como desejo.

Há ainda uma passagem entre representação e prática. Um valor pode existir no modelo do observador e, mesmo assim, não aparecer numa decisão concreta por medo, hábito, custo ou conflito de objetivos. A externalização da bondade não é automática. Ela depende de escolhas locais, revisão e capacidade de agir dentro das condições disponíveis.

VOZ III · A TCI

A TCI descreve modelos e trajetórias, não a presença de Deus. Neste capítulo, sua contribuição está em mostrar que representações internas podem orientar ações externas e que cada interação passa a integrar a trajetória dos observadores envolvidos.

A ideia de perturbação benevolente, usada neste volume como aplicação ética exploratória, descreve uma interação capaz de modificar estado ou trajetória aumentando acolhimento, segurança, esperança ou capacidade de ação. Ela não constitui métrica moral canônica da teoria e não garante um efeito específico no outro.

A ética da atenção encerra o percurso: reconhecer que $M \neq R$ reduz a legitimidade de tratar um recorte como pessoa inteira. Ao mesmo tempo, perceber é sempre seletivo. A responsabilidade possível não é enxergar tudo, mas cuidar do modo como seleciono, reviso e ajo diante daquilo que consigo enxergar.

bondade percebida → possibilidade de cuidado praticado

$M \neq R$; limite reconhecido → humildade; atenção escolhida → responsabilidade

Epílogo - Ensina-me a perceber

VOZ I · PENSAMENTO

Senhor meu Deus, chego ao fim destas páginas e ainda queria subir aquela montanha. Ainda queria ver um pôr do sol contigo como vejo com alguém sentado ao meu lado. Queria falar das coisas entaladas na garganta, rir de algumas perguntas, chorar em outras e ficar em silêncio quando nenhuma frase fosse melhor do que o silêncio. Ainda acho bonita essa imagem. Não quero perdê-la.

Mas eu olho ao redor e percebo que a vida não esperou a montanha. Há manhãs acontecendo agora. Há vento agora. Há crianças rindo agora. Há gente cansada entrando numa sala agora. Há uma flor nascendo onde quase ninguém olha. Há uma pessoa que talvez só precise ser tratada com dignidade no próximo minuto. Talvez eu tenha pedido uma presença extraordinária e, enquanto espero por ela, precise aprender a responsabilidade da presença ordinária.

Eu ainda quero que o Senhor ouça meu gemido. Quero que o Espírito compreenda aquilo que eu não consigo dizer. Quero tocar em Ti no meio da multidão e acreditar que minha oração não se perde entre bilhões. Não retiro nenhum desses pedidos. Só acrescento outro: não deixa meus sentidos morrerem enquanto espero. Não deixa a guerra roubar de mim a capacidade de ver beleza.

Se o mundo estiver frio, não me deixa chamar frieza de inteligência. Se eu precisar lutar, não me deixa esquecer por que estou lutando. Se eu precisar me afastar, não me deixa transformar distância em ódio. Se eu prosperar, não me deixa comprar tantas coisas que eu já não tenha tempo para aquilo que não se compra. Se eu sofrer, não me deixa entregar toda a paisagem à dor.

Que eu continue ouvindo o pássaro, percebendo o perfume das flores, sentindo o vento no rosto e reconhecendo quando um olhar muda porque alguém finalmente se sentiu acolhido. Que a bondade que eu admiro em Cristo não permaneça apenas dentro de mim. Faz com que ela encontre saída pelas mãos, pela voz, pelas escolhas, pelos limites e também pelos silêncios. Que eu não precise performar amor para amar.

E se um dia eu realmente estiver numa montanha ao entardecer, talvez eu me lembre destas páginas. Talvez eu sorria e diga: Pai, eu queria Te tirar de dentro de mim e colocar ao lado para conversar. E talvez descubra que o desejo sempre foi maior do que o cenário. Eu queria aprender a perceber que não estou sozinho e queria aprender a viver de um jeito que outras pessoas também não se sentissem sozinhas. Ensina-me a perceber, Senhor. E quando eu não conseguir dizer mais nada, recebe também o gemido. Amém.

Ensina-me a perceber, Senhor. E quando eu não conseguir dizer mais nada, recebe também o gemido. Amém.

VOZ II · O AUTOR

O Volume IV termina sem transformar nenhuma das imagens da oração em prova. Eu não possuo instrumento para medir como Deus percebe cada pedido, nem posso demonstrar que uma paisagem tenha sido preparada para comunicar uma mensagem particular a mim. O que o livro registra é a trajetória de um observador cuja pergunta mudou enquanto continuava orando.

Comecei querendo ser ouvido e terminei reconhecendo responsabilidade por aquilo que ouço. Comecei desejando tocar em Deus e terminei perguntando como minha presença toca os outros. Comecei tentando tirar Deus de dentro e colocá-Lo ao lado numa conversa visível; terminei percebendo que o desejo de exterioridade também era um desejo de ver a bondade que confesso ganhar forma no mundo.

A contemplação não substitui responsabilidade. Uma flor não corrige uma injustiça, um pôr do sol não resolve um processo e uma oração não dispensa ação quando existe capacidade de agir. Mas responsabilidade sem contemplação pode se endurecer até esquecer por que vale a pena proteger alguma coisa. Talvez eu precise de olhos para o que está errado e olhos que ainda reconheçam beleza; técnica para trabalhar e espaço para silêncio; limites para me proteger e ternura suficiente para não transformar proteção em crueldade.

O livro também me devolveu a imaginação como algo que não preciso esconder nem promover a profecia. Posso imaginar, desejar, compor paisagens e continuar dizendo com honestidade: eu não sei. Talvez essa seja uma forma mais madura de esperança - não possuir o futuro, mas preservar dentro de mim capacidade suficiente para reconhecê-lo quando ele chegar diferente do desenho que fiz.

VOZ III · A TCI

A trajetória deste volume pode ser condensada em cinco movimentos observacionais. Primeiro: experiência excede linguagem; M_linguístico não esgota E. Segundo: o estado vivido pode envolver corpo, memória, afeto e contexto sem que metáforas corporais sejam convertidas em mecanismos biológicos. Terceiro: escala humana não autoriza extrapolação automática sobre Deus; a incapacidade do observador não é medida universal da realidade. Quarto: mediações e atenção selecionam propriedades; R_acessível e R_percebida não são idênticas. Quinto: modelos imaginados podem ampliar possibilidades de ação sem equivaler a revelação ou previsão.

Nenhuma dessas relações demonstra doutrina religiosa. Elas preservam diferenças: representação e realidade; metáfora e mecanismo; imaginação e revelação; contemplação e causalidade. A fé do autor acrescenta a confissão que atravessou o livro: creio que Deus me ouve mesmo quando minha oração chega quebrada e desejo que essa esperança produza mais atenção, não menos, ao mundo e às pessoas diante de mim.

A TCI termina no limite que lhe cabe. O restante pertence à oração: ensina-me a perceber.

M_linguístico ≠ E

R_acessível ≠ R_percebida

imaginação ≠ revelação

Ensina-me a perceber.

Caderno conceitual - TCI neste volume

Os conceitos abaixo distinguem definições canônicas da TCI de aplicações filosóficas e literárias desenvolvidas especificamente neste volume. As formulações exploratórias não alteram a Versão 16.0.

Compressão Observacional

Processo pelo qual o observador constrói uma representação de menor dimensionalidade da realidade. Neste volume aparece na linguagem da oração, na leitura do outro, na exposição tecnológica e na contemplação.

Ignorância Residual

Região da realidade que permanece fora do modelo. Impede transformar silêncio, intenção alheia, causalidade ou futuro em certeza conveniente.

Espaço Observacional (Ω)

Conjunto de dimensões acessíveis ao observador em determinado contexto. Instrumentos, linguagem, posição e mediações tecnológicas participam daquilo que pode ser observado.

Observador como Parte do Sistema

O observador não é neutro nem externo. Memória, expectativa, afeto, corpo, linguagem e trajetória participam da construção do modelo.

Trajetória Observacional

Acumulação histórica de conhecimento e experiência. Um estado de dor, uma falha, uma vitória ou uma fala não equivalem à identidade inteira.

Persistência Causal

Efeitos de um evento podem continuar depois do instante inicial. Uma interação de cuidado também pode produzir memória e alterar respostas futuras.

Compressões Recursivas

Representações anteriores tornam-se insumos para novas representações. Em conflitos, um primeiro modelo do outro pode reorganizar a interpretação de sinais posteriores.

Insuficiência Linguística Observacional - formulação exploratória

Situação em que a experiência vivida contém propriedades que o observador não consegue converter adequadamente em linguagem naquele instante. Não é conceito canônico da TCI.

Mediação do Espaço Observacional - aplicação exploratória

Reconhecimento de que plataformas, instrumentos e sistemas de seleção participam dos sinais disponíveis ao observador. Não implica determinismo tecnológico.

R_acessível $\neq$ R_percebida - distinção exploratória

Nem toda propriedade disponível aos sentidos recebe atenção suficiente para entrar no modelo consciente. A ausência percebida não equivale automaticamente à ausência ambiental.

Perturbação benevolente - aplicação ética exploratória

Interação capaz de modificar estado ou trajetória aumentando acolhimento, segurança, esperança ou capacidade de ação. Não constitui conceito canônico nem métrica moral universal.

Presença não performática - aplicação filosófica

Relação em que pertencimento ou acolhimento não depende exclusivamente de maximização de desempenho local. Não elimina responsabilidade por atos.

Oração corporificada - formulação exploratória

Descrição literário-filosófica da experiência em que linguagem, percepção corporal, memória, afeto e contexto participam conjuntamente do estado de oração. Não atribui intencionalidade espiritual a células ou processos biológicos e não constitui conceito canônico da TCI.

Imaginação observacional - aplicação exploratória

Construção de cenários possíveis a partir de memória, desejo, valores, percepção e linguagem. Pode ampliar possibilidades de ação e contemplação sem converter o cenário imaginado em previsão, revelação ou evidência do futuro.

Externalização da bondade - aplicação ética

Passagem entre valor representado internamente e ação possível no Espaço de Ação do observador. Não garante efeito positivo nem funciona como métrica moral; destaca apenas que uma convicção pode ser testada também pela forma como orienta escolhas e relações.

Ética da atenção - síntese deste volume

Aplicação segundo a qual reconhecer $M \neq R$ favorece cautela, revisão de modelos, percepção do semelhante e recusa de transformar recortes em totalidade. É síntese literário-filosófica, não teorema da TCI.

Referências

- BATISTA, Nedson Moreira. Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica: Fundamentos Epistemológicos, Formalização Matemática e Programa de Pesquisa. Versão 16.0. Monte Mor: Autor, 2026. DOI: 10.5281/zenodo.21315591.
- BATISTA, Nedson Moreira. Deus: Como Eu Te Observo: fé, sofrimento, sentido e os limites da compreensão humana à luz da Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica. Volume I. Monte Mor: Autor, 2026.
- BATISTA, Nedson Moreira. Deus: Como Eu Te Observo. Volume II - O Senhor Sabe: fragilidade, proteção, futuro e os limites daquilo que consigo ver. Monte Mor: Autor, 2026.
- BATISTA, Nedson Moreira. Deus: Como Eu Te Observo. Volume III - Ainda Espero em Ti: esperança adiada, calúnia, graça e a coragem de permanecer. Monte Mor: Autor, 2026.
- BÍBLIA SAGRADA. Referências mobilizadas neste volume: Salmo 91; Salmo 121; Jeremias 9; Mateus 24:12 e 28:20; Marcos 5:25-34; Lucas 5:16 e 8:43-48; João 14:16-17; Romanos 8:26-27; 1 Coríntios 6:19. As passagens são predominantemente parafraseadas no corpo do texto.

Sobre o autor

Nedson Moreira Batista é pesquisador independente e autor da Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica (TCI). Sua atuação profissional e intelectual reúne regulação sanitária, auditoria, saneamento ambiental, qualidade, sistemas complexos, ciência de dados, inteligência artificial e investigação dos limites da representação.

Na coletânea Deus: Como Eu Te Observo, o autor ocupa deliberadamente uma posição diferente daquela de um tratado científico. A oração preserva a experiência religiosa; a reflexão observa memória, sofrimento, esperança, percepção e responsabilidade; e a TCI funciona como terceira voz para delimitar o que pode ser formalizado sem transformar fé em demonstração.

O Volume IV - Ensina-me a Perceber nasce de orações sobre gemidos inexprimíveis, o desejo de ser ouvido por Deus, o corpo que participa da espera, a imaginação que se recusa a chamar desejo de revelação, o esfriamento do amor, a mediação tecnológica da atenção e a tentativa de perceber Deus para além da própria dor, na criação, no cuidado e nas pessoas.

ENSINA-ME A PERCEBER

VOLUME IV

Há dias em que a oração não consegue virar frase. Em outros, ela procura tocar em Deus no meio de uma multidão de vozes. E há momentos em que o maior medo deixa de ser apenas não receber uma resposta: passa a ser atravessar um mundo duro e aprender a mesma dureza.

Em *Ensina-me a Perceber*, Nedson Moreira Batista parte de orações pronunciadas no instante da fragilidade para observar linguagem, atenção, tecnologia, contemplação, gentileza, presença e a necessidade de continuar humano. O livro pergunta como alguém pode desejar ser percebido por Deus sem perder a capacidade de perceber o semelhante e a beleza cotidiana.

As três vozes retornam. O Pensamento ora sem organizar previamente a dor. O Autor revisita a oração à luz da Escritura, da experiência e da responsabilidade. A TCI formaliza limites de linguagem, mediações do espaço observacional e a diferença entre realidade e representação, sem transformar confissão religiosa em demonstração científica.

O resultado é um livro sobre o gemido que não cabe em palavras, a montanha onde o autor gostaria de conversar com Deus, a flor que aparece entre rachaduras, o corpo que clama por uma vida mais simples e a decisão de não permitir que o frio do mundo escolha a temperatura final do próprio coração. É também uma oração para que a bondade recebida encontre forma fora de nós.

Nedson Moreira Batista

DEUS: COMO EU TE OBSERVO

VOLUME IV · ENSINA-ME A PERCEBER

*“Eu quero ser percebido por Ti sem perder
a capacidade de perceber a vida.”*

— Nedson Moreira Batista

Neste quarto volume, a oração chega ao lugar em que a linguagem falha e, ainda assim, a presença continua sendo buscada. Entre gemidos, contemplação, imaginação, atenção e delicadeza, a obra percorre o desejo de tocar Deus sem confundir fé com certeza, e de permanecer humano num mundo que se acostuma ao frio. Em três vozes — pensamento, autor e TCI — o livro reflete sobre percepção, tecnologia, beleza, limite, bondade e o valor das pequenas coisas que ainda nos ensinam a viver.

